

GUERRAS NA IDADE MÉDIA (SÉC. V - XIII)

WARS IN THE MIDDLE AGES (5th - 13th CENTURY)

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2023.v15.18827>

Joab Martins de Lima¹

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, FACH
<https://orcid.org/0000-0002-3328-4623>
joablimatologo@gmail.com

Recebido em 14 de julho de 2023
Aceito em 20 de agosto de 2023

MAGNOLI, Demétrio et al. **História das Guerras**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019. 479 p.



Demétrio Magnoli nasceu em São Paulo em 1958, jornalista pela Escola de Comunicação e Artes da USP, sociólogo e doutor em Geografia Humana pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). Integrante do Grupo de Análises de Conjuntura Internacional (Gacint) da USP. É diretor editorial, desde 1993, do boletim Mundo – Geografia e Política Internacional. Já foi colunista do jornal O Estado de São Paulo, da revista Época e da Rádio Band News FM, além de ter sido comentarista do Jornal da TV Cultura. Atualmente é comentarista de política internacional no Jornal das Dez da Globo News. Faz

¹ Bacharel em Teologia pelo Instituto Metodista Bennett-RJ em 2007, Mestre em Teologia Bíblica pela PUC-RIO em 2010 e atualmente Licenciando em História pela – FACH – UFMS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7924486098506509>.

também análises políticas em suas colunas nos periódicos O Globo e Folha de São Paulo².

O livro em apreço é organizado por Demétrio Magnoli e discute temáticas das guerras, como seu título propõe, escritas por historiadores, geógrafos, jornalistas e especialistas em guerra militar. Os capítulos estão ordenados de forma cronológica e tratam da história de conflitos armados, as chamadas guerras, que ficaram marcadas e documentadas ao longo da história.

Em nossa apreciação trataremos de dois capítulos que abordam dois conflitos ocorridos na Idade Média, a saber; Conquistas Bárbaras, tema tratado e discutido pelo historiador José Rivair Macedo e Cruzadas Na Idade Média tema tratado e discutido pela historiadora Fátima Regina Fernandes.

O historiador José Rivair Macedo ao tratar do tema CONQUISTAS BÁRBARAS, o faz dividindo em quatro partes. Na introdução ao tema, o autor expõe ao leitor a metodologia que aplicará em seu texto.

De início, insere o leitor no contexto dos mundos Romanos e Bárbaros no período a partir do século III quando o exército romano mantinha o poder de conquista num extenso território, cuja expansão havia chegado ao apogeu no século II. Para o período do século IV, o autor destaca as mudanças na realidade política do Império Romano com a constituição de duas capitais, uma ao ocidente e a outra no oriente, as mudanças ocorridas na estrutura interna do exército romano como o recrutamento e pagamento dos soldados e a inserção de germânicos nas fileiras do exército. Aborda quem eram os Bárbaros, mostrando de onde vieram, sua organização, seus modos de vida e o porquê de invadirem os territórios romanos – que ocorrera de forma pacífica e por outras violentas – e, por fim, descreve como ficou a Europa Ocidental após as invasões bárbaras no período do século VI até XI e a influência que o cristianismo exerceu sobre os povos bárbaros.

Na segunda parte de sua abordagem o autor trata dos Povos da Ásia Central de onde surgem os Hunos, povo nômade e guerreiro que traziam como legado de seus antecedentes o uso do arco e de resistentes cavalos em seus combates. Nesta parte, destaca os traços comuns que havia nas formas de combate dos povos que se originaram nas estepes da Ásia Central, no uso de arco e flecha e as técnicas de cavalaria.

² Demétrio Magnoli. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%A9trio_Magnoli. Acesso em: 13 jun. 2023.

Na terceira parte, o autor discorre acerca dos Povos Germânicos e traz ao leitor uma descrição sintética sobre a gênese desses povos, destacando a sua inclinação para a guerra e enfatiza que “Temos poucas descrições do modo de vida dos guerreiros germânicos antes de sua instalação nos territórios romanos e antes de sua conversão ao cristianismo.” (MACEDO, 2019, p. 86). Após essa descrição, sobre a gênese dos povos germânicos, apresenta três batalhas, sendo duas no século IV e uma no século V que deram início ao “[...] verdadeiro processo de ‘barbarização’ do Ocidente.” (MACEDO, 2019, p. 87) movido pelo processo de migrações para os territórios controlados pelo Império Romano.

Na quarta e última parte, do Guerreiro ao Cavaleiro, o autor aborda sobre a formação das sociedades bárbaras em que a guerra era parte não só da afirmação social e política do indivíduo, mas, um gênero de vida, envolta de magia e religiosidade expressas nas armas e até nos nomes próprios de personagens da história. No entanto, salienta, que neste mundo envolto de guerra, onde a sociedade parece respirar esse ar guerreiro, está presente a fome que obriga a sociedade a lutar pela sobrevivência e a atividade guerreira surge como uma solução para tal situação, englobando os homens livres e membros da aristocracia rural que com o passar do tempo constrói-se uma hierarquização socio militar. Macedo descreve as armas e vestimentas usadas pelos guerreiros, bem como as táticas que foram aplicadas na guerra contra os povos bárbaros sob o regime carolíngio a partir do século VIII, inserindo o leitor no período no qual, sob o regime carolíngio, ocorrem mudanças na forma tática de guerrear, surgimento de armamentos defensivos e ofensivos, e o uso da cavalaria nas batalhas.

Um contexto social onde a guerra parece ser normal, fez a Igreja sair de seu silêncio e intervir diante das autoridades em defesa dos mais fracos e conseguir desviar o foco dos conflitos para motivações religiosas, que fez surgir no século XI a Guerra Santa com as Cruzadas contra os infiéis.

CRUZADAS NA IDADE MÉDIA é o tema tratado pela historiadora Fátima Regina Fernandes, que na introdução apresenta ao leitor as perguntas, sob as quais norteará o seu texto, sobre as razões e intenções que moveram milhares de pessoas, de diferentes estratos sociais, para as cruzadas.

A autora inicia abordando sobre o Contexto Gerador demonstrando o que podemos chamar de pano de fundo social no qual surgirá o movimento das cruzadas. Este é social e religioso. No âmbito social está o aumento demográfico com a chegada de húngaros, nórdicos e sarracenos no século IX e X que causa

certa agitação na Europa que é beneficiada com condições climáticas favoráveis para o plantio e colheita. Dessa forma, no século XI, há mais pessoas para trabalhar e conseqüentemente mais braços para as guerras que surgissem. É numa sociedade estratificada – nobreza, povo e clero – que assumiam funções sociais diferentes e que vivia um momento de pacificação na qual a religião, embora dividida em cristandade latina (ocidente) e cristandade grega (oriente), tem lugar preponderante.

Estaria, assim, pronto o ambiente no qual surgiria A Expansão da Cristandade que motivou o surgimento das cruzadas. Neste ponto a autora aborda como ocorreu o processo no qual o cristianismo se expandiu como movimento de colonização ao norte da Europa Ocidental com a participação de povos eslavos e normandos no século X e a expansão na Península Ibérica, já dominada pelos muçulmanos desde o ano 711, que já é o palco de conflito entre cristãos e muçulmanos e no século XI assumirá um caráter de “[...] Reconquista cristã de territórios que já haviam sido cristãos, antes da chegada dos muçulmanos.” (FERNANDES, 2019, p. 103).

Para um melhor entendimento sobre as cruzadas, a autora passa a apresentar ao leitor A expansão muçulmana e seus espaços de ocupação e chama atenção que ao se falar de muçulmanos é necessário saber que se trata de pessoas “[...] que vivem sob a égide da religião islâmica.” (FERNANDES, 2019, p. 103), não sendo, uma referência aos árabes. Portanto, descreve a ocupação de territórios por muçulmanos, com suas respectivas dinastias, em três regiões que são: a Península Arábica, o norte da África e a Península Ibérica e salienta que na verdade não existia uma unidade política entre os muçulmanos, mas sim unidade religiosa que era mantida, apesar das trocas de dinastias, trocas culturais devido as diferentes etnias, dialetos diferenciados que formavam os diversos povos muçulmanos e o legado que deixaram devido as diversas influencias trocadas.

A expansão islâmica para o oriente é tratada pela autora ao abordar o Avanço islâmico sobre o mediterrâneo oriental que ocorrera no século VII, quando os muçulmanos se tornaram intermediários nas rotas comerciais em territórios bizantinos. Explica esta expansão de forma resumida citando os acontecimentos mais marcantes deste período até chegar no contexto em que o Imperador Aleixo I, no século XI, pede ajuda ao ocidente para conter o avanço dos muçulmanos.

Após esse percurso, coloca o leitor a par do tema As cruzadas do Oriente, dando abertura ao ponto central do capítulo. Elucida ao leitor que a história é

documentada através das fontes. Assim sendo, discorre sobre a diversidade de fontes em que as cruzadas foram relatadas, como por exemplo em canções e em documentos de cronistas críticos e favoráveis as cruzadas, cronistas que estiveram em regiões de conflito, fontes judaicas e árabes, estas por sua vez trazem as visões de cada grupo em relação aos acontecimentos das cruzadas. Além disso, o leitor é informado do status quaestionis a respeito de teorias em torno do “[...] motivo da convocação das Cruzadas para libertar a Terra Santa.” (FERNANDES, 2019, p. 108). Logo a seguir, discorre sobre a convocação feita pelo Papa Urbano II nos últimos anos do século XI (1095) num concílio em Clermont Ferrand dando origem a primeira cruzada, trazendo ao leitor o pano de fundo político desta convocação, descrevendo o efeito causado nos cristãos que aderiram a convocação, bem como as motivações teológicas presentes nos discursos clérigos.

Para que o leitor não fique sem informação sobre a parte logística das cruzadas, a autora expõe de modo sucinto como se deu a Organização, quanto a convocação e financiamento. Elucida o papel exercido pelo poder espiritual, na pessoa dos Papas, e o político, representado pelos reinos existentes na época e pelo Sacro Império Romano Germânico. Além disso, informa sobre as rotas as quais os cruzados percorreram.

Em seguida apresenta ao leitor A primeira cruzada em 1096, abordando quem eram as lideranças que a conduziram, a sua chegada em Constantinopla e o impacto que causou na liderança do Império Bizantino. É feita menção a violência desta cruzada, a matança que marcaria esse movimento sob uma ideologia religiosa e as consequências políticas e sociais do êxito das conquistas territoriais com o surgimento de “[...] unidades políticas independentes em relação ao Império Bizantino[...].” (FERNANDES, 2019, p. 113).

Ao tratar da Natureza das ações militares durante a Guerra Santa, a autora procura descrever como se desenrolavam esses conflitos que assumiram forma totalmente diferente do que fora no período romano que dispunham de exércitos profissionais. É um outro momento em que o feudalismo com seu sistema de senhorio, obrigava o vassalo (um nobre) a lutar pelos interesses de seu senhor (rei ou um nobre) usando suas próprias hostes. Foram essas hostes, lideradas por uma elite que tinha o domínio de estratégias e técnicas de luta, que compuseram os efetivos de cruzados para lutar. É feita uma descrição da composição destas hostes que chegaram a ter monges e mercenários em seus contingentes, bem como das táticas de combate utilizada no ataque para invadir as cidades pelo

sítio e assédio e as formas de defesa empreendidas durante o ataque, e o armamento usado pelos cruzados. Porém, tal assédio não ocorria somente por terra, mas, sim por mar em cidades situadas na costa marítima mediterrânea.

Fatores de ordem moral e política permitem a continuidade do movimento das cruzadas baseadas nas alianças feitas entre Bizâncio e os muçulmanos que levam a reconquista islâmica de territórios outrora perdidos, forçando a convocação, em 1146 pelo Papa Eugênio III, da Segunda Cruzada como “[...] uma resposta a um pedido de socorro dos reinos francos feitos diretamente a Roma.” (FERNANDES, 2019, p. 117). Diferente da primeira, esta Segunda Cruzada é chefiada pelo Rei da França, o Imperador do Sacro Império Romano Germânico e conta com participação de ingleses, flamengos e frísios. A autora expõe, de forma sintética, o porquê do fracasso desta cruzada devido a interesses políticos, a unificação política muçulmana e o desinteresse por parte de Bizâncio nos conflitos que ocorriam em seus territórios. Ao discorrer sobre a Terceira Cruzada (1189) para reconquistar Jerusalém das mãos dos Muçulmanos, demonstra os pontos que levaram ao fracasso desta e destaca a atuação da hábil liderança de Saladino.

Após o fracasso da Terceira Cruzada, o Papa Inocêncio III convoca a Quarta Cruzada (1202) dando início As Cruzadas do século XIII. A autora explicita os motivos e interesses pelos quais esta Cruzada foi convocada, os preparativos e a condição dos cruzados convertidos em mercenários e leva o leitor a perceber a mudança que houve em relação a primeira cruzada no campo religioso e político, e no efeito que causou no Império Bizantino de então com a invasão da cidade de Constantinopla pelos próprios cruzados. O leitor perceberá as mudanças que ocorreram no século XIII – contexto comercial e urbano diferente dos séculos anteriores – em relação àqueles que atendiam ao chamado do empreendimento das cruzadas, embora o objetivo de reconquistar Jerusalém permanecesse. A Quinta Cruzada (1217) é convocada pelo mesmo papa (Inocêncio III) no IV Concílio de Latrão. É tratada de forma sucinta pela autora, que expõe que tal cruzada se interessou por territórios no Egito ocupado por muçulmanos com o objetivo de retirá-los, no entanto sem obter êxito.

Segundo a autora no início do século XIII havia Interesses Conflitantes entre o poder político e Eclesiástico. O personagem de destaque desse período é o Imperador do Sacro Império Romano Germânico Frederico II que ambicionava dominar o Ocidente e a Terra Santa e consegue convencer o Papa Honório III que

convocasse a sexta cruzada (1227), cuja convocação foi atendida somente por Frederico II que não obtém êxito neste empreendimento. A exposição dos fatos ocorridos neste período deixa claro os interesses que haviam de ambos os lados, o político na pessoa do Rei e os eclesiásticos na pessoa do Papa, para manter as pretensões teocráticas do poder papal.

A Sétima Cruzada (1248) dirigida ao Egito e a Oitava Cruzada a Tunis (1270) tiveram como protagonista o Rei da França Luís IX tido como o Cruzado Perfeito. A autora narra os acontecimentos principais destas duas cruzadas com as causas de seu insucesso.

No capítulo que trata das CONQUISTAS BÁRBARAS, Macedo (2019, p. 94) conclui apontando três “[...] aspectos recorrentes da evolução da função social da guerra [...]” no decorrer do início da Idade Média. O primeiro aspecto está na permanente atividade que a guerra exercia entre os povos bárbaros, algo que permitia o status individual de liberdade aos homens guerreiros. O segundo aspecto está na promoção social e política que os guerreiros cavaleiros tinham ao exercerem o controle dos equipamentos para a guerra. No terceiro aspecto, está o caráter evolutivo da guerra que deixou de ser meramente destrutivo para tornar-se uma ferramenta que serviria aos propósitos dos reis com o apoio da igreja, que ficou mais nítido no período das cruzadas. Para o autor, as conquistas bárbaras no período do século V – X influenciaram no surgimento das organizações sociopolíticas da Idade Média Ocidental no período da Baixa Idade Média.

No capítulo CRUZADAS NA IDADE MÉDIA, a autora conclui fazendo um Balanço do movimento das cruzadas. Primeiramente, chama a atenção sobre a situação demográfica no século XI onde as camadas sociais do povo e nobreza, partilhavam o mesmo anseio de expansão, devido a necessidade de mais território tanto para a nobreza quanto para o povo, sendo isto um fator bem aproveitado pelos dirigentes políticos ora promovendo, ora participando das cruzadas, dentro de um contexto em que o combater em nome da fé era o que marcava a espiritualidade da época. O segundo ponto está na mudança do ideal de cruzada no século XIII que passa a ser tomado de interesses de cunho político, estratégicos e comerciais na Síria e Palestina fazendo surgir acordos ocasionais entre muçulmanos e cristãos mantendo ativo o movimento de cruzadas no oriente, permitindo que normandos, venezianos, franceses e aragoneses promovessem outras experiências políticas e militares causando certa unidade na cristandade, embora dividida, para combater o infiel. O terceiro ponto está na interação

cultural que as cruzadas proporcionaram devido as diferentes culturas ocidental e oriental que conviveram e se refletiram na arquitetura, literatura entre outras. Apesar desta troca cultural a cristandade bizantina e ocidental não se uniu, muito pelo contrário, pois as cruzadas proporcionaram uma separação ainda maior entre eles. A quarta cruzada foi um exemplo disso quando foi criado o Império de Nicéia como um braço de poder latino nos territórios bizantinos.

Os dois capítulos resenhados foram colocados na obra de forma cronológica, ou seja, as CONQUISTAS BÁRBARAS ocorrem antes das CRUZADAS NA IDADE MÉDIA. Esta ordenação cronológica reveste-se de importância para o leitor, pois facilita a sua compreensão como um todo nas temáticas apresentadas, pois estes capítulos se complementam e trazem uma compreensão maior da formação política geográfica do Ocidente no período dos inícios da Idade Média até a Idade Média central³. Ambos os autores abordam suas temáticas de forma a conduzir o leitor paulatina e cronologicamente na narrativa, elucidando os principais acontecimentos, fornecendo um pano de fundo do que virá, respectivamente, no que concerne as guerras empreendidas pelos povos bárbaros e no contexto histórico que antecedeu as cruzadas.

Os autores em alguns momentos não entram em detalhes sobre certos eventos históricos, dando a entender que suas narrativas acabariam por fugir ao assunto proposto a discussão. Isto pode despertar no leitor uma busca por um aprofundamento ou maiores informações nas abordagens pouco exploradas, não sendo isto um ponto negativo, pois são pontos tratados de forma sucinta e que satisfazem na informação. Aliás, a História é muito ampla em suas abordagens e não esgota em si uma temática, devido as diversas abordagens propostas pela historiografia.

Vale observar que ambos os autores são historiadores medievalistas, sendo isto um ponto muito positivo, pois tratam dos assuntos fundamentados na historiografia, na experiência de vida docente, na vida de pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e na consulta as fontes primárias e secundárias citadas no texto e na bibliografia apresentada no

³ Esta periodização está apoiada no que propõe o medievalista Hilário Franco Júnior, que trabalha a Primeira Idade Média nos séculos IV – VIII, a Alta Idade Média em meados do século VIII – fins do século X e a Idade Média Central nos séculos XI – XIII. Para mais detalhes sobre esta periodização Cf. FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Idade Média. Nascimento do Ocidente. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. p 15-17.

final de cada capítulo, dando ao leitor a oportunidade de conhecer as obras específicas sobre os temas abordados e destarte um aprofundamento nas abordagens apresentadas.

Um aspecto que consideramos importante nos capítulos resenhados é a questão cultural tratada por ambos os autores, que pontuaram o mesmo, a interculturação que ocorre nas guerras. Para os chamados povos bárbaros houve o contato com a cultura greco romana e a conversão ao cristianismo, trazendo mudanças no comportamento civilizatórios desses povos. Para os cruzados o contato foi com a cultura oriental, seja com bizantinos, povos muçulmanos e judeus. Isto só reflete que, embora haja conflitos, o ser humano sempre interagirá e aprenderá com o outro. Este é um ponto muito interessante que os autores colocam, não explicitamente, mas, entre linhas, e que leva o leitor a refletir que o ser humano nunca estará fechado ao aprender e conhecer o que lhe é novo, mesmo que esse lhe seja apresentado em momentos de conflito.

E quanto a nossa contemporaneidade em relação as guerras? No momento hodierno, vivemos sim uma guerra, mas não necessariamente de conflitos armados, onde mísseis são disparados entre países com o objetivo de destruir uma nação ou tomar posse territorial. No âmbito mundial, quando algum país fere normas e leis éticas, o que se faz é a guerra econômica que impõe sanções a um país que as infringiu sob a ótica do outro. Como exemplo disso, temos as sanções econômicas impostas pelo Estados Unidos da América em relação a Venezuela. Uma guerra que atinge a economia de um país, pode ser até pior que um conflito com derramamento de sangue. Ou seja, as guerras ainda estão presentes entre nós, porém de forma diferente.

Enfim, o livro História das Guerras, como um todo, é uma obra que traz ao leitor os acontecimentos relativos as guerras criadas pelo próprio homem, ao longo da História humana começando com as guerras travadas no século V a.C até a contemporaneidade, como a Guerra do Golfo nos dois primeiros anos da década de 1990. Demétrio Magnoli o organizou de forma cronológica para que o leitor possa acompanhar e entender o desenrolar do surgimento de cada guerra, com suas motivações e consequências no âmbito social e político. O livro apresenta mapas políticos, para que o leitor visualize e obtenha melhor entendimento dos lugares geográficos citados pelos diversos autores, muito bem escolhidos e qualificados para redigir cada capítulo da obra. Portanto, uma obra que recomendamos, pois proporciona ao público em geral, leigo e acadêmico as informa-

ções seguras e bem fundamentadas sobre o assunto a que se propõe tratar, as guerras.

As guerras de modo geral causaram mudanças na história humana. Trouxeram mudanças geográficas, políticas e culturais, seja na antiguidade, idade média, idade moderna e idade contemporânea com uma guerra econômica. No entanto, as guerras causaram e causam dor, traumas e mudança na vida daqueles que a vivenciaram e que a vivem.

REFERÊNCIAS

Demétrio Magnoli. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%A9trio_Magnoli. Acesso em: 13 jun. 2023.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média. Nascimento do Ocidente**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.